

Equipe econômica e FMI fixam meta de inflação para 1999 em torno de 11%

Fischer espera queda de juros e valorização do real com divulgação de novo acordo

José Meirelles Passos

Correspondente

• WASHINGTON. O Brasil e os técnicos do Fundo Monetário Internacional (FMI) estão negociando, na capital americana, uma meta de inflação em torno de 11% para este ano. Hoje, o presidente indicado para o Banco Central, Armínio Fraga, vai relatar ao ministro da Fazenda, Pedro Malan, no Rio de Janeiro, os detalhes dos passos mais recentes da negociação com o FMI. Nem todos os números, referentes às metas a serem cumpridas pelo país, no entanto, estão fechados.

Armínio, cuja indicação para o BC terá de ser aprovada no início de março pelo Senado, reuniu-se ontem com o diretor-gerente do Fundo, Michel Camdessus. Ele também esteve com o vice-diretor-gerente, Stanley Fischer, mas ao deixar a sede do FMI negou-se a falar sobre a negociação.

— Desculpem, mas, no momento, não posso falar nada a respeito.

to — disse ele a caminho do aeroporto.

A inflação é o tema central das discussões, segundo revelou Fischer. Segundo ele, o Fundo e a equipe negociadora brasileira já acertaram "uma boa estrutura que deverá trazer estabilidade à economia brasileira, no sentido de prevenir o ressurgimento da inflação".

— Essa é uma coisa que está nas mentes dos brasileiros. Eles não querem voltar aos seus 40 anos de história de inflação constante. Eles terão de ter uma política monetária apertada durante algum tempo para assegurar que a inflação não volte, para não trazer de volta todos os velhos demônios dessa economia — disse o vice-diretor-gerente do FMI.

Fundo e Brasil ainda discutem como alcançar as metas

Tanto ele quanto Camdessus e a equipe negociadora do Fundo continuavam negando-se, ontem, a dar entrevistas a respeito. Mas

o organismo divulgou, no final da tarde, o conteúdo de uma videoconferência entre a sede do FMI e a Universidade da Califórnia, em San Diego, na qual Fischer falou sobre a situação brasileira.

— Como disse, temos uma estrutura mas, como todos vocês sabem, o diabo está nos detalhes. E estamos agora negociando com os brasileiros como eles vão atingir as metas. Espero que assim que surja o acordo final, o Brasil publique detalhes do programa, para tentar convencer os mercados de que têm um plano coerente que os capacitará a se autofinanciar, e que incentivará os mercados a entenderem que essa é uma proposta viável, e que é seguro investir no Brasil — disse.

Segundo Fischer, a questão agora é saber com que rapidez o Brasil vai se estabilizar.

— Houve dois desenvolvimentos desastrosos logo depois do acordo do Brasil com o FMI (em 2 de dezembro). Primeiro, uma medida perfeitamente rotineira que

tinha sido acordada com o FMI foi derrubada no Congresso. Ninguém esperava isso. Possivelmente o governo não usou toda a pressão política que deveria para fazê-la passar. E a segunda coisa foi que o governador do terceiro maior estado disse que não cumpriria suas obrigações como governo federal.

Comportamento da taxa de câmbio está em observação

Segundo Fischer, a moratória mineira reduziu a confiança no programa econômico brasileiro. E afirmou:

— Esperamos que, com base nas discussões que temos tido com os brasileiros, eles mantenham o seu programa (econômico) em ordem, que o câmbio se estabilize e fortaleça, que os juros caiam e que o contágio do Brasil seja bem menor do que o que tivemos da Rússia em agosto, e que é responsável por muitas das dificuldades que vemos agora — disse Fischer. ■